

Michel Maffesoli, tribalista de cátedra: interfaces sociais no campo da comunicação¹

RESUMO

O ensaio destaca o pensamento do sociólogo Michel Maffesoli, com ênfase na sua “sociologia compreensiva”. Aborda o sublime e grotesco das formas assumidas pela sociedade contemporânea, em suas dimensões regressivas e afirmativas. Relata a conexão entre a mídia e as tribos urbanas, relacionando-a com o desenvolvimento tecnológico.

ABSTRACT

This text deals with Michel Maffesoli's fundamental concept of “comprehensive sociology”, pointing out the sublime and the grotesque of the forms taken by contemporaneous society in its regressive and affirmative dimensions. It also discusses the connection between the media and urban tribes, relating it with technological development.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Sociologia compreensiva (*Comprehensive sociology*)
- Sociedade contemporânea (*Contemporaneous society*)
- Tribos urbanas (*Urban tribes*)

Cláudio Cardoso de Paiva

Universidade Federal da Paraíba

EXPLORAMOS AQUI O TRABALHO do sociólogo Michel Maffesoli, enquanto uma modalidade de exercício do saber distinto do racionalismo cartesiano, e uma aposta no novo, no “processo em andamento”, nas manifestações sócio-culturais em curso. Apostamos numa pesquisa que respeita a expressão das novas gerações, dos estrangeiros e do pensamento da praça pública que afluem para a Sorbonne advindo de procedências diferentes. A sua perspectiva da “sociologia compreensiva”, mostra o sublime e grotesco das formas assumidas pela sociedade contemporânea, em suas dimensões regressivas e afirmativas. A sua contribuição no campo da comunicação é fértil também ao focalizar a conexão a mídia e as tribos urbanas como espaço de uma sinergia entre o arcaísmo e o desenvolvimento tecnológico, levando-nos a repensarmos as influências mútuas entre a memória e o acontecimento.

1 A imaginação sociológica de Michel Maffesoli

A imaginação filosófica francesa resplandece fulgurante na figura de Gaston Bachelard (1881-1962), responsável por emanações luminosas no pensamento francês contemporâneo, ao qual pertence Michel Maffesoli.

Bachelard era um filósofo camponês, professor de matemática, física e química que almejava ser engenheiro, mas terminou na Academia de Paris honrando a cátedra de Filosofia. Tornou-se célebre com a publicação dos livros *O Novo Espírito Cientí-*

fico (1934) e *A Formação do Espírito Científico* (1938). Para ele, a história das idéias não se faz por evolução ou continuidade, e sim através de rupturas, revoluções e cortes epistemológicos.

Como *homem diurno da ciência* revolucionou os saberes da natureza, mas foi pelo caminho da intuição que elaborou um original estudo dos símbolos. Foi o Bachelard, movido pelo *espírito noturno da poesia*, que pode orientar toda uma geração animada pela idéia do simbolismo que dá forma e sentido à vida em sociedade. Conjugando as imagens, analogias e metáforas, o ancião de Bar-Sur-Aube aposta numa “contemplação do mundo” resgatando a potência simbólica dos elementos da natureza. Daí surgem os trabalhos fundamentais para a instituição de uma “ciência do imaginário”, constituída por obras como *A psicanálise do fogo* [1938], *A água e os sonhos* [1942], *O ar e os sonhos* [1943], *A terra e os devaneios da vontade* [1948], *A terra e os devaneios do repouso* [1948].

Para Bachelard, o princípio diurno da ciência não se mistura com o princípio noturno da poesia; ambos aparecem separados e constantemente em tensão na sua obra. De um lado estão os trabalhos científicos como *O Racionalismo Aplicado* e *O materialismo racional* [1952], e do outro, *A poética do espaço* [1957], *A poética do devaneio* e *A chama de uma vela* [1961]. Posteriormente, surgem *O direito de sonhar* [1970] e *O engajamento racionalista* [1972], concluindo uma trajetória marcada pela cruel divisão separando a razão e a sensibilidade, o dia e a noite da sabedoria.

Convém observar que a obra de Bachelard tem influências notáveis nos estudos de Maffesoli, e grande parte da ciência deste último se fez apoiada nas bases de uma “razão sensível”, resultando na sua *sociologia compreensiva*. O legado de Bachelard parece ter sido importante para o jovem Maffesoli porque o levou a uma compreensão do imaginário como uma instituição essencial na vida cotidiana. Mas resta algo a fazer, reunir os opostos, algo difícil de se cumprir na era positivista em que Bache-

lard viveu. A questão fundamental da filosofia bachelardiana, herdada por Maffesoli, consiste no desafio de colocar em conexão os princípios diurno (saber-filosofia-ciência) e noturno (saber-poética-estética), percebendo a sinergia entre os opostos, o arcaísmo e o desenvolvimento tecnológico.

A coincidência dos opostos é uma noção cara a Maffesoli e este a reencontra frequentemente nas obras de Gilbert Durand, como *As estruturas antropológicas do imaginário* [1964], uma sistematização rigorosa do regime diurno e regime noturno das imagens, além de outros estudos como *A imaginação simbólica* [1964] e *O imaginário* [1994], enfoque atualizado das imagens e suas inscrições no dorso da civilização ocidental.

Em verdade, Maffesoli age um pouco de maneira iconoclasta para com os postulados de Bachelard e de Durand, que certamente são partes do seu oriente filosófico e epistemológico. De Bachelard, recolhe os saberes diurnos e noturnos, e os reúne numa perspectiva híbrida que abrange o aspecto dionisiano, nômade e tribalista da cultura. E percorrendo a obra de Durand, apreende as analogias, imagens e metáforas, mas trata de abolir os conceitos mecânicos como esquemas, estruturas e tipologias. Maffesoli vai se inspirar em outros referenciais para contemplar o “reencantamento do mundo”.

A recepção de Maffesoli no espaço público é bastante significativa. Em suas falas acadêmicas; consegue tornar claras as suas idéias mesmo tratando de temas complexos, e tem boa acolhida junto ao meio intelectual, principalmente pelo exercício etimológico rigoroso; decifrando o sentido original das palavras, lança uma mirada profunda na superfície do social. Circula também com fluência nos campos midiáticos (jornais, revistas, internet), atendendo a expectativa dos diletantes e não-iniciados, pois lida com noções e metáforas animadas pela aposta na afirmação e vitalidade do conhecimento. Mas, sobretudo, procura decifrar as imagens obsedantes do imaginário coletivo, recolhendo-as no repertório trivial

das várias tribos urbanas (artísticas, tecnológicas, religiosas, sexuais ou políticas). Partilhando a sua argumentação com os vários segmentos sociais, faixas etárias e nacionalidades diferentes, goza de popularidade na ampla variedade da esfera pública.

A prosa de Maffesoli não é indigesta como um tratado sociológico, e neste sentido, demonstra ser um legítimo herdeiro de uma tradição francesa que elegeu a lítero-filosofia, privilegiando a arte literária em conexão com a filosofia e as ciências humanas, como uma estratégia comunicativa para desvendar as tramas sócio-culturais.

Então, as categorias, conceitos e grades metodológicas cedem terreno às imagens, metáforas e conceitos provisórios para entender o que está acontecendo aqui e agora. Para isso, recorre à tradição, não àquela fixada nos anais, museus e cartórios, mas à tradição da cultura popular que fora ocultada pela *lógica dominante* da modernidade racionalista. Maffesoli, portanto, se opõe ao cogito cartesiano e ao programa ideológico dos intelectuais jacobinos, engajados na crítica radical da sociedade e da cultura.

2 Perfil de um autor trágico, nômade, tribalista

Michel Maffesoli é um pensador com formação em ciências humanas e sociais, que tem desenvolvido explorações no domínio do imaginário e do cotidiano, objetivando construir uma sociologia do presente. É responsável por uma cátedra na Universidade René-Descartes, Paris V, na Sorbonne, onde ministra seminários na pós-graduação, dirige o *Centre d'Études de l'Actuel et du Quotidien* (CEAQ) e o *Centre de Recherche sur l'Imaginaire*. Maffesoli orienta docentes e pesquisadores do mundo inteiro, fazendo um trabalho prestigiado pela comunidade internacional, incluindo, além da França, a Itália, o Japão e o Brasil, além de países árabes. Isto se deve à sua abertura de espírito para apreciar o permanente devir das práticas sociais em seus diversos matizes

locais e transnacionais.

A rigor, o *métier* de Maffesoli se caracteriza como um híbrido de sociologia, antropologia urbana e filosofia do cotidiano, ocupado com as questões da ética e estética nas sociedades contemporâneas. O autor explora o “presenteísmo” das tribos urbanas, as formas nômades da cultura pós-moderna, a transfiguração assumida pelas experiências políticas, o hedonismo da sociedade de massas e a sensibilidade do trágico, que para ele, assume novas modulações na dita “era da comunicação”.

Este personagem do *theatrum philosophicum* do pensamento social se apresenta na cena intelectual a partir de incursões na Filosofia (com Nietzsche, Jung, Benjamin, Bachelard, Foucault, Deleuze), na Estética (com Wolfflin, D'Ors, Lukács, Bazin), na Antropologia (com Durand, Mircea Eliade, Bastide, Goffman), Sociologia (com Weber, Durkheim, Simmel) e na História (com Jaeger, Braudel, Veyne).

Os objetos, as imagens, as tribos urbanas, as “socialidades emergentes” lhe servem de *corpus* para uma contemplação da cultura em trânsito. Para isso, não cessa de fazer “recorrências epistemológicas” às noções, conceitos e metáforas dos pensadores clássicos, medievais e contemporâneos.

Como faz Walter Benjamin, Maffesoli viaja ao passado para atualizá-lo, extraíndo da história os símbolos e as alegorias que ajudam a entendermos o imaginário do presente.

As leituras benjamininas instigam uma compreensão do homem e seus símbolos, da ética e estética formadas pelas redes e labirintos urbanos, como se mostra em “*A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica*” [1936], *os textos sobre Baudelaire* [1938-1939], *O trabalho das passagens* [1982] e *Rua de mão única* [1928].

Com inspiração em Benjamin, Maffesoli se interessa em recuperar a “aura” da sociedade tribalizada. Mas a “aura” da sociedade tecnológica, para Maffesoli, se esgota no “instante eterno” do *acontecimento*. Essa metáfora do pensamento serve aqui

para desvendar como as imagens servem de liames simbólicos, conexões e os encaideamentos entre os indivíduos e grupos sociais; modelando estilos de socialidade e comunicabilidade.

Maffesoli percorre as ruas das grandes cidades, os shoppings, os lugares virtuais, privilegiando a trajetória, o percurso, o nomadismo, as “*vagabundagens iniciáticas*”. O “flâneur” de Baudelaire, resgatado por Benjamin, reaparece em Maffesoli sob a forma do nômade pós-moderno. Isto nos leva a compreender a condição dos indivíduos reunidos em comunidades afetivas; ligados num mundo virtual através das redes de comunicação.

Para Maffesoli as relações entre os homens e os objetos tecnológicos, exprimem as extensões de seus afetos e sociabilidades. Para ele, os meios de comunicação geram modos de comunidade e tribalização; logo, aprecia a televisão, os telefones celulares, os videogames, a internet enquanto vetores de experiências afirmativas na espessura da vida cotidiana. Estes dispositivos geram imagens vinculadas a uma ética-estética remetendo às “figuras do estilo comunitário”, algo presente, em obras como *No fundo das Aparências* (1990) e *A contemplação do Mundo* (1995). Todavia, é importante notar que as suas argumentações alertam principalmente para a atividade cultural que se faz fora dos campos midiáticos; assim, contemplando os estilos de socialidade, indica também os gêneros de comunicabilidade que se forjam na espontaneidade dos encontros casuais.

3 Elementos para uma antropologia da comunicação

Mirando o presente, o pensador mantém um diálogo fecundo com os seus pares: discute com Gilbert Durand desde *As estruturas antropológicas do imaginário* (1964) até o breviário *L’imaginaire* [1994]. Mas entre Durand e Maffesoli percebemos um certo deslocamento epistemológico. Durand viveu o “espírito do tempo” ainda positivis-

ta e suas construções sofrem as irradiações do estruturalismo francês. Talvez herdando de Bachelard o problema da separação entre o “homem diurno da ciência” e o “homem noturno da poesia”, Durand tenha edificado uma montanha de “jargões conceituais” que criam certa dificuldade para o entendimento de sua obra. Mas, relendo Jung, Durand nos permite enxergar o terreno antropológico em que se nutrem as imagens, ícones e símbolos atuais, assegurando um princípio comunitário. Essas influências, em modulações diferenciadas, irão repercutir na elaboração das idéias de Maffesoli.

Assumindo uma postura de atualização, desdobramento ou réplica face aos seus interlocutores, Maffesoli oferece novos parâmetros para examinarmos o estatuto das imagens e sua performance comunicativa na sociedade contemporânea.

A postura dialógica é uma marca registrada no seu trabalho e tem mantido um debate fértil com os intelectuais do seu tempo, mesmo confrontando posições epistemológicas distintas. Explorando as eferescências, as pulsões subterrâneas, os modos de cooperação e disputa, os regimes de cumplicidade e rivalidade entre os grupos sociais, o seu trabalho é instigante pela maneira como interage com outras lógicas sociais.

O entusiasmo experimentado em *O tempo das tribos* (1987) e *A tribalização do Mundo* (1992), certamente, contrasta com a postura mais severa dos seus colegas na Sorbonne, a exemplo de André Akoun, autor de *A Ilusão Social* [1989], que investiga os fenômenos sócio-culturais. Este pertence a uma seara mais crítica da sociologia da comunicação e se inspira nos cânones da filosofia iluminista para explicar os fatos sociais.

Certamente, as diferenças são salutares para a recepção por parte da massa crítica dos pesquisadores brasileiros: enquanto Akoun aposta na força do “princípio democrático”, Maffesoli aposta na potência do “princípio comunitário”.

A maioria dos sociólogos da Sorbonne se atém a uma etnografia da vida social, em moldes ainda cartesianos, embora com lúcidas enquetes e discussões sobre temas que incluem a comunicação social. Maffesoli dispensa a demonstração, o cálculo, as estatísticas e mira o acontecimento (social, ético, político) em sua dimensão mais orgânica e vitalista.

4 Uma tríade sociológica nas redes da comunicação

No que respeita às interfaces da comunicação, cultura e sociedade, a tríade de pensadores composta por Maffesoli, Morin e Baudrillard constitui um referencial sólido no pensamento comunicacional brasileiro. Suas conferências e seminários ministrados de norte a sul do país têm gerado debates fervorosos e propiciado análises originais no campo da comunicação. Eles têm sinalizado novos prismas na articulação das práticas de ensino, grupos de pesquisa, fóruns de debates e publicações nas diversas áreas do domínio conexo à comunicação. Partindo de orientações filosóficas e sociais diferenciadas, têm engendrado “alavancas metodológicas” favoráveis - por exemplo - no campo dos estudos de mídia, cultura e tecnologia. Além disso, têm irrigado a esfera pública em suas vastas extensões, seja no campo das artes tecnológicas, organizações, área de saúde, marketing turístico e governamental. Mas fundamentalmente, têm gerado reflexões essenciais acerca das formas de politização do cotidiano, das práticas interculturais, mostrando as especificidades que regem as configurações tanto da memória quanto do esquecimento social.

5 Celebidades intelectuais na cultura das redes

Os ensaios radicais de Baudrillard como *As trocas simbólicas e a Morte* (1979), *A transparência do Mal* (1990) ou *A Torre do Inferno* (2003) propiciam janelas estratégicas para a

apreciação de fenômenos localizados no campo das mídias, como os temas do desejo e sua simulação, a questão da dissolução da ética na cultura dos simulacros e o efeito de clonagem e multiplicação das imagens. Sua verve irônica, extrema, iconoclasta é desconcertante, promovendo o questionamento e a desmontagem de sentido num mundo assolado pela ideologia do neoliberalismo e suposta obliteração das práticas sócio-históricas. E, acerca da comunicação particularmente, a última parte de *A sociedade de consumo*, nomeada “Mídia, sexo e lazeres” (1979) se mostra pertinente para um olhar mais crítico dos processos midiáticos. Para ele, as imagens de afeto e sensibilidade, inflacionadas pela mídia, perderam a sua força substancial, subversiva, desejante.

Para Maffesoli, as coisas não são bem assim. Em *A Sombra de Dionísio* [1982], o espírito coletivo ressurgue guiando as tribos urbanas que atualizam a extensão dos afetos sociais pelos objetos tecnológicos, ritualizando um novo estilo de vida comunitária.

Como Baudrillard, Maffesoli também promove desestabilização, desordem e desconstrução dos modelos dominantes. Mas a diferença entre ambos reside no fato de Baudrillard mirar a sociedade de consumo, os objetos e as imagens, mostrando suas fraturas e desaparecimentos, fragmentos e disjunções, enquanto Maffesoli os percebe como elementos de coesão social, laços simbólicos forjando estilos de comunicabilidade.

A natureza do diálogo filosófico-social entre Baudrillard e Maffesoli se mostra evidente ao apreciarmos os títulos “inquietações” dos seus respectivos livros. *A sombra das maiorias silenciosas – o fim do social e o surgimento das massas* (Baudrillard, 1984) e *O tempo das tribos – o declínio do individualismo na sociedade de massa* (Maffesoli, 1987). Mais tarde Baudrillard escreveria a *Torre do Inferno* (2003) servindo de contraponto aos livros de Maffesoli como *O instante eterno* (2003) e *A parte do Diabo* (2004).

Para Baudrillard, as mega-informações, os simulacros das notícias, a proliferação das imagens, enquanto frutos do turbocapitalismo, são motores para uma desrealização do mundo e uma finalização da história. Para Maffesoli, tudo isso são sintomas do retorno do trágico, destinações da existência, o real vindo à tona do “fundo das aparências”. Baudrillard sofre as emanções do espírito marxista e mostra-se irônico para com a sociedade e a comunicação contemporâneas. Maffesoli, sob o signo de Nietzsche, percebe expressões da vontade de potência, vínculos comunitários e afirmação da vida nas experiências mais banais do cotidiano, incluindo as irradiações midiáticas.

Do outro lado do pensamento, Maffesoli, mirando a “tragédia da cultura” - como escrevia Simmel (1988) e utilizando-se da sua intuição herdada de Nietzsche e Bachelard, aposta na força afirmativa dos afetos, sensações e sentimentos, aposta consequentemente na orientação estética que rege o espírito comunitário.

É notável na sua produção o fato de saber apreciar a importância do efêmero, banal e provisório, típico na ambiência midiática, como instâncias oportunas para a deflagração da sociabilidade e comunicabilidade instantâneas.

A sua pesquisa busca explorar os contornos de uma ética nômade que rege a experiência comunitária, a qual sem um roteiro prévio desvela o percurso dos indivíduos e grupos transitando nos espaços da cidade, fazendo associações imprevistas, remodelando o sentido do estar-junto. Inquieta-se a partir de uma consciência trágica, reconhecendo os pequenos infernos da vida cotidiana, mas gozando o prazer em cada instante da realização social. Persegue o sentido tribalista das vivências coletivas, que asseguram a sobrevivência humana pelo viés da interação e da socialidade.

Estudantes, ecologistas, grupos musicais, políticos e religiosos têm usado o repertório das “imagens conceituais” de Maffesoli em suas práticas discursivas. As cen-

tenas de sites e páginas eletrônicas na Internet com referência ao seu nome indicam que o seu trabalho é algo mais do que um simples efeito de celebração intelectual, mais do que uma literatura da moda.

O autor aprecia os agenciamentos coletivos ligados às novas tecnologias de comunicação, situando-os no contexto mais significativo do percurso antropológico. Entende que as tribos urbanas do presente refazem o trajeto das tribos primitivas. Por conseguinte, traz elementos vigorosos para uma reflexão sobre os estilos de socialidade na idade média com base na memória afetiva das sociedades antigas.

Os seus ensaios atraem porque encarnam emanções de uma certa “contracultura de cátedra”. Como um “enfant terrible”, Maffesoli atira no coração das instituições tradicionais, afirmando, por exemplo, como as experiências da política partidária e da pedagogia convencional perderam a sintonia na sociedade pós-moderna.

6 Interpenetrações filosóficas, sociais e midiáticas

Percorrendo a sociologia francesa, o trabalho de Maffesoli e as incursões no campo da comunicação, chegamos inevitavelmente a Edgar Morin, pois este partilha com Maffesoli algumas investidas na área da comunicação e cultura de massa. Em trabalhos consagrados como *O cinema e o homem imaginário* [1956] e *As Estrelas* [1957], antecipa um enfoque da economia, sociedade, cultura e política, examinando os seus níveis de complexidade.

Ainda que seja enfático na denúncia do caráter regressivo da paisagem sócio-cultural, decifra os regimes mitológicos que organizam afetivamente o imaginário ocidental, seja no cinema, na publicidade, nas revistas ou na televisão. E estes são alguns dos temas que aparecem no itinerário bibliográfico de Maffesoli, preocupado como a temática do imaginário. Convém perceber aqui uma repercussão favorável para os pesquisadores de comunicação,

convidados a deciframos os estilos de complexidade no conjunto de socialidades e tribalizações que se desenham em nossa paisagem urbana, completamente irradiada pela performance das artes tecnológicas.

É interessante para a pesquisa em comunicação apreciar o “diálogo” sobre a cultura pop em expansão, que recebe miradas distintas como a de Morin, mas também de Roland Barthes, em *Mitologias* [1957], McLuhan em *A Galáxia de Gutemberg* (1972) e Guy Debord, com *A sociedade do espetáculo* (1967). Essa diversidade teórica nos traz elementos favoráveis para uma perspectiva interdisciplinar e já serviu de base na história das teorias da comunicação no Brasil, que podem ser revigoradas pelas leituras dionisiacas, nômade e tribalistas dos textos de Maffesoli, nos instigando a resgatar a memória repensando a mídia à luz das tochas.

Maffesoli é filiado a uma outra tradição de pensamento ligada a Jung, Bachelard, Durand e persegue a dimensão afirmativa da imagem e do imaginário na vida cotidiana. O sociólogo concebe a imagem como encarnação do real, algo que tem concretude, espessura histórica, antropológica e social; ou seja, não é uma mera refração da consciência, mas ao contrário, tem uma dimensão performativa na existência real dos indivíduos e grupos. Com rigor, na obra *A Contemplação do Mundo* (1995) o pensador mostra que entre o mundo social e cósmico existe o “mesocosmo”, composto por “imagens reliantas”, dando sentido à vida coletiva, e indica o papel dos audiovisuais neste processo.

Parece instigante uma leitura simultânea da mídia e sociedade à luz de uma perspectiva compreensiva em obras como *No fundo das Aparências* (Maffesoli, 1993). O exercício se mostra instigante porque ao invés de se deter na dimensão narcisista, publicitária e regressiva dos processos midiáticos, persegue as evidências de uma “barroquização do mundo” a partir da sinergia entre o arcaísmo e o desenvolvimento tecnológico, e mostra como os processos midi-

áticos participam do Acontecimento. De olho na aparência, acústica e visibilidade das imagens, Maffesoli as percebe como dimensões afirmativas da arte tecnológica, como vetores do estilo comunitário e interações tribalistas.

7 Ecos da filosofia pop na imaginação sociológica

Dos chamados filósofos pós-estruturalistas, a influência mais forte sobre Maffesoli advém de Deleuze. Isto aparece com clareza nas leituras que faz do barroco deleuzeano (*Le Pli*, 1990), do nomadismo (*O que é a filosofia*, 1992), do caráter afirmativo do virtual e dos simulacros em obras como *Diferença e Repetição* (1968) e *O que é o virtual* (1998). Então a interface entre a *filosofia da diferença* de Deleuze e a *sociologia compreensiva* de Maffesoli resultaria num vetor de compreensão crítica das questões de mídia, cultura e tecnologia. Os temas da representação e simulacro, realidade e virtualidade, identidade e alteridade, subjetividade e socialidade, básicos no campo da comunicação, mostram-se efervescentes no entrecruzamento destes dois campos do saber.

8 Estudos culturais franceses: tribos, simulacros e complexidades

Convém apreciar a importância da obra de Maffesoli no contraponto com outros pensadores de orientações metodológicas diferentes. Remete-nos a uma reflexão sobre os níveis de irradiação das teorias ultramarinas na ecologia comunicacional dos trópicos. Além disso, permite-nos distinguir os estilos de tribalizações, simulações e complexidades globais, na chamada era do “pós-colonialismo”, sinalizando caminhos para discutirmos as especificidades destas experiências em níveis locais, domésticos, regionais.

Mostra-se relevante contemplar a imaginação antropológica de autores como Maffesoli, Morin e Baudrillard, examinando as suas visões e experiências do

Brasil.

Para o primeiro o Brasil se configura como um “laboratório da pós-modernidade”, onde se conjugam o arcaico e o tecnológico, expressão dos sincretismos e hibridações, celeiro de conexão das diversidades mais extremas.

Para Edgar Morin, a complexidade brasileira é contextualizada no plano da “complexidade humana”. A ecologia, a economia, a política, a cultura, a linguagem, a educação concorrem simultaneamente determinando e sendo determinadas no longo percurso da experiência humana. Morin estabelece distinção entre a informação, o conhecimento e a comunicação alertando para a necessidade de uma teoria complexa dos processos comunicacionais.

Há diferenças básicas, mas ao mesmo tempo encontramos afinidades surpreendentes no estilo de pensamento de ambos. A contemplação da desordem das pulsões e o milagre da morte no eterno ciclo da vida, presentes em *A sombra de Dionísio* ou enfrentando as figuras do destino, em *O instante eterno* (2003) e em *A parte do diabo* (2004) mantêm analogias e similaridades com o Morin, autor de obras como *O homem e a morte* [1970], *Meus demônios* (1994) e *Ciência com Consciência* (2001).

Quanto a Baudrillard, embora os seus vínculos com a realidade brasileira sejam mais tênues, o mesmo se mostra afinado em suas interpretações, como transparece no livro *Cool Memories* (1990) apreciando o argumento de Muniz Sodré, sobre os paradoxos e complexidades de *O Brasil Simulado e o Real* (1990):

Uma leitura mais rigorosa das obras dos pensadores europeus contemporâneos é necessária também para deciframos como têm sido feitas as interpretações dos seus textos por parte da inteligência brasileira, principalmente - as novas gerações - no que concerne às interfaces da comunicação, numa época designada por pós-colonialismo.

9 Interculturalidade e leituras brasileiras

Seguindo as pistas dos intelectuais brasileiros no imaginário sociológico de Maffesoli encontramos autores que expressam diferentes visões dos trópicos, definindo um certo olhar sobre a cultura. Orientando dezenas de brasileiros advindos de regiões geográficas diferentes, o professor tem a sua disposição um repertório fabuloso de etnias, sotaques, sonoridades e visibilidades do Brasil, que lhe concede o estatuto de um *connaisseur* da diversidade cultural brasileira.

Tal experiência ocorre com leituras tão díspares quanto de Gilberto Freyre, Roberto da Matta ou Alfonso Romano de Sant’anna. Em Freyre, absorve a dimensão multicultural do hibridismo étnico brasileiro, cuja inspiração vem de *Casa Grande e Senzala*.

Em Da Matta, Maffesoli recolhe uma imaginação vigilante sobre o país dos *Carnavais, Malandros e Heróis* (1983). Em Romano de Sant’anna, como esteta e sociólogo, Maffesoli encontra uma tradução da estesia barroca que se irradia no cotidiano brasileiro. Isto é algo que ele conhece de perto pelas incursões feitas em cidades como Salvador, Belo Horizonte, João Pessoa, Recife e Natal, focos de explosão do barroco em toda exuberância e ambigüidade, reunindo os gênios do paganismo e do catolicismo.

É instigante examinar como se desenharam novos prismas para repensarmos o espírito da latinidade pelo viés do estilo “neobarroco”, que caracteriza os ambientes híbridos e transculturais contemporâneos, tanto na Europa quanto na América Latina.

Convém lembrar que a experiência da modernidade com a tradição, história e memória, fez-se com base na crítica e na paródia, e, uma marca registrada do pensamento de Maffesoli é revisitar a tradição com as lentes atualizadas pela experiência do presente. Para ele as tribaliza-

ções primitivas são analógicas às tribalizações urbanas do século XXI e se empenha em explorar o sentido das suas aparições no acontecimento vivo do presente.

Uma imagem instigante do Brasil aparece em *A transfiguração do político*, no capítulo “Os proprietários da Sociedade”, servindo de pretexto para uma compreensão crítica da sociedade em seus aspectos de máfia, em que o uso do “pistolão” indica toda uma cultura apoiada nos privilégios, no contrato das amizades políticas, nos jogos de interesse que regem a vida comunitária (Maffesoli, 1997).

Ajuda a entender tanto as formas generosas de socialidade como as formas canhestras, que se revelam, por exemplo, no estilo de *apartheid cultural* no campo das mídias, expresso na guerra das imagens entre as tvs pagas e as tvs abertas, gerando estilos de socialização bastante desbalanceados.

O trabalho de Maffesoli consiste numa modalidade de exercício do saber que aposta no novo, no “processo em andamento”, nas manifestações sócio-culturais em curso. A sua pesquisa acolhe a expressão das novas gerações, dos estrangeiros, do pensamento da praça pública, que afluem para a Sorbonne advindo de procedências diferentes.

Estes diferentes enfoques – colocando em perspectiva o cotidiano e o imaginário, têm servido para fortalecer o campo da comunicação e das humanidades no Brasil. Os temas, os objetos de pesquisa e os diferentes enfoques da sociedade brasileira, pelos pesquisadores na Sorbonne constituem empiricidades que funcionam permanentemente como elementos-chave, conferindo vigor e atualidade à obra maffesoliniana.

A sua perspectiva possui relevância ao mostrar “o pior e o melhor” das formas assumidas pela sociedade contemporânea, em suas versões sublimes e grotescas, ou seja, as dimensões regressivas e afirmativas da sociedade tribalizada •

Notas

- 1 Trabalho apresentado à seção temática 3: Comunicação e Cultura do VII Colóquio Brasil-França

Lista das teses brasileiras sob orientação de Michel Maffesoli

BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA Marcio Sergio. *Études sur l'imaginaire brésilien : le mythe de la nation et la ville Brasília*, 1992.

CLAUDIO MARTINO Luis. *Télévision et conscience*, 1997.

CARDOSO DE PAIVA Cláudio. *Les images dionysiaques dans le contexte des médias*, 1995.

CARVALHO DA ROCHA Ana Luiza. *Le sanctuaire du désordre, ou l'art de vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques (étude de l'esthétique urbaine et la mémoire collective au sud du Brésil)*, 1994.

COELHO DOS SANTOS Francisco. *La séduction de l'hybride (tradition et modernité dans la société brésilienne)*, 1994.

DE MAGALHAES Henrique Paiva. *Fanzine de bande dessinée : rénovation culturelle et presse alternative*, 1994.

DE OLIVEIRA PEREIRA José Wellington. *Le Quotidien Voilé*, 1999.

DE SOUSA FILHO Alípio. *Les métissages brésiliens, imaginaire, quotidien et pratiques de mélanges dans la société brésilienne*, 2000.

DOS SANTOS Volnei Edson. *Le cinéma: un rapport entre l'oubli et le présent (l'expérience émotionnelle d'une ville avec le cinéma)*, 1994.

FERNANDES Y FREITAS Daniela. *Disneyland et Palace (le loisir et le ludique dans les parcs de divertissement réels et virtuels)*, 2003.

FERNANDES Y FREITAS Rosa Lucila. *L'inconnu et l'imaginaire sur les réseaux de télécommunication : téléphone, minitel, internet*, 1996.

FERREIRA FREITAS Ricardo. *Centres commerciaux: îles urbaines*

- de la post-modernité, 1993.
- FERREIRA FREITAS Arnt Hérés. *Le néobaroque au travers la littérature de la contemporanéité: une étude anthropologique* Soutenu en 1993.
- FERRES DE FREITAS Cristiane. *Un cinéma possible (une analyse socio-anthropologique de la production cinématographique brésilienne dans la post-modernité)*, 2001.
- FREITAS D. *La pluralité culturelle dans l'empire Disney*, 1996.
- FROTA-SIGAUD Maria. *La favela (la production d'un mode de vie à Rio)*, 1996.
- LEMOS André Luiz Martins. *La cyberculture (les nouvelles technologies et la société contemporaine)*, 1995.
- PADRAO DE VASCONCELOS PAIVA Vanessa. *La radio en chaire et en voix*, 1993.
- PAES LOUREIRO Joao de Jesus. *miroir brisé de l'imaginaire (une poétique de la culture amazonienne)*, 1994.
- SOUSA LEITAO Claudia. *Pour une éthique de l'esthétique: ébauche d'une* 1993.
- VERA REGINA Veiga França. *Études sur le journalisme* 1993.
- Paris: Galilée, 1990; __ *A sombra das maiorias silenciosas*. S. Paulo: Brasiliense, 1984; __ *Le Crime Parfait*. Paris: Galilée, 1994; __ *Tela Total, Mitoironias do Virtual*. Porto Alegre: Sulina. 1997.
- BARTHES, R. *Mythologies*. Seuil, 1957.
- DELEUZE, G. *Le pli*. Paris: Minuit; 1990; __ *O que é o virtual*. ED. 34, 2002.
- DURAND, G. *L'imaginaire*. Paris: Hatier, 1994; __ *As estruturas antropológicas do imaginário* [1960]; __ *L'imagination symbolique*. Paris: Quadrige/PUF, 1964.
- HOLFELDT, A. "Quem ainda acredita hoje em dia na racionalidade moderna?" In: Revista FAMECOS, nº 20, abril 2003. Porto Alegre. P. 98-103.
- MACHADO, J. Entrevista "Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade". In: Revista FAMECOS, nº 15, ago. 2001. Porto Alegre. p. 74-81; "O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação". In: HOHLFELDT, A; MARTINO, L. C; FRANÇA, V.V. (org.) *Teorias da Comunicação - Conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 171-186;
- MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*. Rio: Rocco, 1984. Trad. Márcia Cavalcante; __ *O tempo das tribos - o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio: Forense Universitária, 1987. (Trad. Maria de Lourdes Menezes - Prefácio Luiz Felipe Baeta Neves); __ *O conhecimento comum, compêndio de sociologia compreensiva*. Brasiliense, 1988; __ *No fundo das aparências, Por uma ética da estética*. Vozes, 1994; __ *A transfiguração do político - a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997. (Tradução de Juremir Machado da Silva); __ *La contemplation du monde - figures du style communautaire*. Grasset, 1993; __ *Du nomadisme - vagabondages initiatiques*. Paris: Le Livre de Poche, 1997; __ *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck; __ *O instante eterno - o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. S. Paulo: Editora Zouk2003. Tradução de Rogério de Almeida e Alexandre Dias; __ *A parte do diabo - resumo da subversão pós-moderna*. São Paulo: Editora Record, 2004. (Tradução de Clóvis Marques); __ *Notas sobre a pós-modernidade - o lugar faz o elo*. Rio: Atlântida, 2004. (Tradução de Vera Ribeiro); __ "Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social". In: Revista FAMECOS, nº 08, julho 1998. Porto Alegre. p.07-14; "A comunicação sem fim - teoria pós-moderna
-
- ## Referências
- ALMEIDA, M. C. X. "Bem-vinda constelação da desordem: a presença do pensamento francês contemporâneo". In: Revista FAMECOS, nº 20, abril 2003. Porto Alegre. P. 26-33.
- BACHELARD, G. *O Novo Espírito Científico*, [1934]; __ *A Formação do Espírito Científico* [1938]; __ *A psicanálise do fogo* [1938]; __ *A água e os sonhos* [1942]; *A terra e os devaneios da vontade* [1948]; __ *A terra e os devaneios do repouso* [1948]; __ *O Racionalismo Aplicado*; __ *O materialismo racional* [1952]; __ *A poética do espaço* [1957]; __ *A poética do devaneio* [1961]; __ *A chama de uma vela* [1961]; __ *O direito de sonhar* [1970]; __ *O engajamento racionalista* [1972].
- BAUDRILLARD, J. *Simulacres et simulation*. Paris, Galilée, 1981; __ "Mass media, sexo e lazeres". In __ [1970]. *A sociedade de consumo*. Lisboa: p. 153-318; __ *Cool Memories*.

da comunicação". In: Revista FAMECOS, nº 20, abril 2003. Porto Alegre. P. 13-20.

MARSHAL, L. "O êxtase da comunicação no pensamento francês contemporâneo". Revista FAMECOS, nº 20, abril 2003. Porto Alegre. P. 34-45.

MORIN, E. *Le cinéma ou l'homme imaginaire*. Paris: Minuit, 1956; __. *As Estrelas: Mito e Sedução no Cinema*. Rio: José Olympio, 1989; __ *Cultura de massa no século XX, O espírito do tempo*. Vol. 1, *Neurose*, Vol. 2, *Necrose*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária; 1976.

PAIVA, C. C. "Experiência e comunicabilidade na era do virtual". In: Revista FAMECOS, nº 10, jun./99. Porto Alegre; __ PAIVA, C.C. "A mídia eletrônica à luz das tochas: um estudo de comunicação, cotidiano e mitologia". In: Revista FAMECOS, nº 18, ago./2002. Porto Alegre. PALÁCIOS, M. "O medo do vazio: comunicação, sociabilidade e novas tribos". In: RUBIM, A. (org.) *Idade Mídia*. Salvador: Edufba, 1995. p. 88-106.